

O BULLYING COMO DISPOSITIVO PARA O SUICÍDIO EM ADOLESCENTES

Gleyce Vitoria da Cunha Batista¹
Eudes Basílio de Alencar Segundo Júnior²

RESUMO

O presente trabalho é resultado de um processo de revisão bibliográfica de cunho teórico realizado nas plataformas Scielo e Pepsic, no período de abril a maio de 2017 e em livros que abordam a temática do suicídio, aqui compreendido nesse estudo como causa direta do Bullying. Dessa forma, essa pesquisa articula três temáticas relacionadas: inicialmente, conceituando o Bullying bem como o suicídio; e em um segundo momento, analisando as duas categorias tendo como referencial a etapa do desenvolvimento da adolescência, e, por fim, propor as medidas apropriadas de intervenção, ressaltando sua relevância dentro das instituições educacionais.

PALAVRAS CHAVE: Suicídio; Bullying; Adolescente.

¹ Gleyce Vitoria da Cunha Batista, graduanda do curso de Psicologia no Centro Universitário do Rio Grande do Norte – UNIRN.

² Eudes Basílio de Alencar Segundo Junior possui Mestrado em Psicologia pela Universidade Federal do Rio Grande do Norte (2016). Formação em Gestalt-terapia pelo Instituto Gestalt do Ceará (2015). Especialização em Psicopedagogia pela Universidade Potiguar (1999). Licenciatura plena em Psicologia pela Universidade Federal do Rio Grande do Norte (1998). Bacharelado e Formação em Psicologia pela Universidade Federal do Rio Grande do Norte (1996). Atualmente é Professor de Psicologia do Centro Universitário do Rio Grande do Norte (UNI-RN) e Psicólogo Clínico (Gestalt-terapeuta).

RESUMEN

El presente trabajo es resultado de un proceso de repaso bibliográfico de cunho teórico realizado en las plataformas Scielo e Pepsic, en el periodo de abril a mayo de 2017 y en libros que abordan la temática del suicidio, aquí comprendido en ese estudio como causa directa del Bullying. De esa forma, esa investigación articula tres temáticas relacionadas: inicialmente, conceptuando el Bullying así como el suicidio; y en un segundo momento, analizando las dos categorías teniendo como referencia la etapa del desarrollo de la adolescencia, y, por fin, proponer las medidas pertinentes de intervención, resaltando su relevancia dentro de las instituciones educativas.

PALABRAS CLAVE: Suicidio; Psicólogo Escolar; Bullying

1. INTRODUÇÃO

Este trabalho se propõe a refletir acerca do suicídio como resultado do efeito de constantes violências promovidas pelo bullying na adolescência. Tendo em vista o aumento dos casos de automutilações e dos índices de suicídio, em sua maioria com jovens, é pertinente o estudo sobre a banalização da vida e a violência consigo mesmo. Neste mesmo sentido, o trabalho dá ênfase a abordagem da temática considerando que o suicídio é uma expressão da máxima violência e que, portanto é um tema importante para as ciências humanas tendo em vista suas implicações para a sociedade no contexto da banalização da vida.

Outro ponto relevante é a discussão do tema em diferentes mídias e literaturas recentes, tais como o jogo “A Baleia Azul”³ e a obra “Os 13 porquês”⁴, de Jay Ascher. Essas obras colocaram em relevo sofrimento e adoecimento psíquico, provocados pelo Bullying culminando no Suicídio, tema até então negligenciado. Elas são perpetuadas em uma escala global-regional-local, requisitando ou necessitando de uma abordagem responsiva sobre a temática, visando o cuidado com o objeto estudado, uma vez que é um assunto considerado tabu: ora descuidado pelas equipes de saúde em geral, ora ignorado na sua abordagem pela sociedade e família, ora tratado como “frescura”, ora provocando constrangimento e vergonha. Enfim, discursos que endossam a desvalorização da vida.

Para exemplificar a importância da abordagem do suicídio, podemos afirmar que, segundo a OMS (2014), enquanto essa frase foi lida, uma pessoa cometeu suicídio no mundo. Esse dado representa a dimensão do problema bem como fundamenta a necessidade da abordagem e intervenções sociais. Para tanto se fez um recorte de abordagem do Suicídio, uma vez que existem diversos gatilhos para o referido fenômeno, como por exemplo: alcoolismo, drogas, violência urbana, fatores culturais e sócios demográficos, deficiência das relações interpessoais e abusos, onde nesses últimos está inserido o Bullying.

³ Jogo da “Baleia Azul”: série composta por cinquenta desafios, cujo objetivo final é levar o jogador ao Suicídio.

⁴ Os 13 Porquês: obra literária que se tornou série, no original “13 Reasons Why”, o espectador é apresentado à Hannah Baker (Katherine Langford) que, por meio de mensagens gravadas em fitas cassete, explica porque se matou aos 17 anos. Nos áudios, também cita os responsáveis por humilhá-la e os amigos que a traíram.

Dessa forma a categoria Suicídio, pode ser abordada sobre diversas categorias de risco, entre as quais se faz necessário evidenciar o fenômeno do Bullying como um dos grandes motivos para tais ações, visto que promove a deficiência nas relações interpessoais e diversas categorias de abuso (físico, moral, psicológico e verbal). Assim sendo, essa temática não pode ser negligenciada, uma vez que toca na dimensão da natureza humana e retoma a discussão sobre a valorização da vida.

O Bullying nada mais é do que a reação violenta ao que é singular e diferente dentro dos padrões convencionais de normalidade social. Para entendermos mais sobre esse assunto, é mister relacionar o Bullying as condições de desenvolvimento das relações humanas. Essas estão baseadas na dinâmica capitalista, que estabelecem relações de consumo e atração de mercado consumidor, criando padrões de conduta e beleza que acabam por ser considerados como dentro de uma faixa de normalidade estabelecida, atualmente propagada de forma rápida e constante através das mídias sociais.

Nesse sentido, aqueles que se destoam dessa faixa de normalidade são colocados de lado pela sociedade de forma muito intensa. Quando esta dinâmica ocorre na adolescência, em um período bastante crucial do desenvolvimento humano (onde o corpo e a mente passam por constantes mudanças), o jovem - em seu processo secundário de construção da autoimagem e identidade - vai buscar nas relações interpessoais e na aceitação dos pares a visão de si mesmo. Assim, conforme apontam alguns estudiosos do desenvolvimento humano foi evidenciada essa ligação muito importante e instintiva da necessidade de construção do Eu a partir das relações com o Outro (adolescente e meio social). Como estamos lidando com a adolescência, uma fase específica do desenvolvimento humano, baseando-se na faixa etária vulnerável ao Bullying e ao Suicídio convergidos – aproximadamente 15 anos – para embasar esse argumento, destacamos a teoria desenvolvimentista Henri Wallon, que postula existir uma construção dialogal da personalidade por meio das relações sociais de diferenciação e semelhança com o outro,

O processo de desenvolvimento psíquico do indivíduo caminha, portanto, da socialização para uma diferenciação gradual, que torna cada indivíduo um ser único e diferente dos demais. Essa relação indivíduo-meio social é

recíproca: o meio social transforma o indivíduo, e este transforma o meio social por suas reações. (ALMEIDA, p.596, 2014).

Essa conexão social baseia-se em afetos ou desafetos, indo desde a estrutura familiar até a entrada em grupos exteriores, pois a emoção garante os primeiros contatos, propagando-se, desde o início da vida, em todo o ciclo vital nas interações sociais. Partindo desse princípio, quando os sentimentos do outro em relação ao indivíduo são formados pelo desprezo e hostilidade, a visão de si mesmo e o desenvolvimento ficam comprometidos.

Para tanto, não podemos deixar de mencionar nesse estudo, também, as contribuições de Carl Rogers, ao trazer a ideia de que a experiência é vivida como algo subjetivo e que auxilia a pessoa a tornar-se aquilo que ela é de fato, exceto quando ocorre algo negativo; como também, o pensamento fenomenológico-existencial, e as teorias de desenvolvimento do Self. Estas teorias supracitadas postulam que o ponto de divergência entre elas está na experiência subjetiva da pessoa, que tem como influências a percepção externa e o contato com o outro, fazendo com que aquilo que ela apreende e internaliza torne-se verdade para ela, como afirma Dutra (2000):

Nesse processo, a percepção que cada um tem das suas características, dos seus afetos, humores, relações e valores, ou seja, o seu autoconceito ou self tem uma importância crucial, na medida em que é essa a imagem com que cada um se percebe no mundo, que irá influenciar, para não dizer orientar ou determinar, a conduta do indivíduo. (DUTRA, p. 34. 2000).

Dentro deste contexto, podemos inferir que a escola assume um papel fundamental na relação dialogal homem – meio, ao promover, durante o processo de socialização secundária, o primeiro contato do sujeito com o mundo exterior e a consequente e futura estruturação da visão de si. Se este processo é permeado de desafetos e hostilidade – aqui denominado como Bullying - o indivíduo se vê segregado em convívio interpessoal, aflorando diversos fenômenos causados pela solidão e angústia que podem ser gatilhos para atitudes de violência máxima e banalização da vida, isto é, para aqueles adolescentes que já não tem uma boa visão de si e um desenvolvimento psíquico adequado a situação pode chegar ao suicídio. .

2. REFERENCIAL TEÓRICO

2.1 O ADOLESCENTE – AUTOCONCEITO E RELAÇÃO SOCIAL

Entende-se por adolescência o período de transição entre a infância e a fase adulta, permeado por alterações psíquicas, emocionais e corporais que é a puberdade. (Becker, 2003)

O conceito de adolescente é relativamente novo, se comparado à história da humanidade, surgindo no período da revolução industrial, dentro do século XX. No entanto, a visão de adolescente varia de cultura para cultura e de sociedade para sociedade. E dependendo do contexto a etapa de transição pode ser um momento tranquilo, com maturação saudável em todos os sentidos, ou algo difícil e cheio de reverberações que podem marcar a vida adulta. (COLL, 2004).

Essa fase do desenvolvimento humano é composta por diversas modificações em todos os sentidos que vão sedimentar a visão que o sujeito tem de si (autoconceito), indo desde as alterações que formam um corpo adulto até a definição de sua subjetividade. Nesse ponto Coll (2004) afirma a importância das relações sociais:

Também a importância que as relações sociais adquirem durante os anos terá seu reflexo nos conteúdos de autoconceito, ainda que as simples referências a vínculos pessoais próprias da infância (“tenho muitos amigos”) sejam substituídas, na mesma linha do que foi comentado anteriormente, pelas descrições e sentimentos interpessoais (“eu gosto de gente sincera”). Assim, no autoconceito dos adolescentes mais jovens aparecem as características ou as habilidades sociais que influem sobre a relação com os demais, ou as que determinam a imagem que os demais têm do sujeito. (COLL, *et al.* 2004, p.336)

Sendo assim, fica clara a evidência de que as relações com o meio externo, seja família ou pares, contribui para a formação do autoconceito, reforçando a ideia de que a visão do outro reflete no sujeito, especialmente nesse período de formação da identidade e sedimentação do Self. É importante esclarecer que o autoconceito é múltiplo, isto é, formado pelos diferentes contextos onde o adolescente se insere: o papel exigido pela escola, pelo círculo de amigos e família, que requer do sujeito

resposta as expectativas. Casos tais contextos sejam contraditórios ou incoerentes, a visão de si mesmo será fragmentada, causando insegurança. (COLL, 2004).

A autoestima é outro aspecto da constituição do adolescente e está ligada ao autoconceito, visto que ela é a valorização que o indivíduo faz a partir das referidas exigências contextuais, em um nível global, isto é, considerando o conjunto, a popularidade entre os iguais adquire um significado especial para a maior parte dos adolescentes, pois é um termômetro da competência social (COLL, 2004). A identidade também está vinculada ao autoconceito, porém é um fenômeno psicológico complexo, pessoal e interno visto que vai além das abstrações cognitivas que o adolescente realiza, expressa através da coerência de suas ações e decisões. Também contribuem para ela as relações sociais no sentido de que vem à tona a consciência e o papel social que o ser tem no mundo, como reforça COLL (2004):

Além disso, é necessário considerar que essa identidade, apesar de ser uma característica pessoal, é experimentada em um contexto social determinado, em que o sujeito estabelece uma série de relações e experimenta diversos papéis. Essa identidade vai incluir as normas dos grupos nos quais o adolescente se integra, os valores que interioriza sua ideologia pessoal e os compromissos que assume e vai recolher as experiências do passado para dar significado ao presente e dirigir sua conduta futura. (COLL, *et al.* 2004, p.340)

É natural também, que o adolescente passe por um período de crise e despersonalização ao sair do período púbere, onde ele estranha a si mesmo. Isso ocorre devido às diversas mudanças corporais e ao aumento das exigências sociais. É essa crise que vai impulsionar o jovem a desenvolver sua identidade (COLL, 2004).

Entretanto, não podemos deixar de situar o adolescente dentro do seu atual contexto sociocultural, visto que esse contribuirá também para o desenvolvimento de si, assim, reforçamos a teoria walloniana no que se refere ao caminho que o sujeito realiza de socialização para uma diferenciação gradual onde o indivíduo constrói o meio e vice-versa (ALMEIDA, 2014). Isso também reforça outra característica desta fase: a busca por autonomia, onde o adolescente se distancia do seio familiar para individualizar-se, sendo necessário, assim a socialização e o relacionamento com os pares, o que torna a escola um local propício para esse movimento, pois é onde

estará a maior parte das conexões interpessoais. COLL (2004), afirma a importância no trecho abaixo:

Sullivan (*apud*, 1953) propôs que as amizades durante a adolescência eram críticas para o desenvolvimento de uma alta autoestima e uma melhor compreensão dos demais. Em geral, ter amigos é um indicador de boas habilidades interpessoais e um sinal de um bom ajustamento psicológico, provavelmente porque os meninos com menos habilidade sociais e com mais problemas psicológicos sofrerão mais rejeição e terão mais dificuldades em estabelecer amizades; contudo, também se poderia pensar na relação inversa, isto é, na qual ter amigos com os quais compartilhar segredos e sentimentos contribui para um melhor ajustamento psicológico. (COLL, *apud* SULLIVAN. 1953. 2004, p.358)

Sendo assim, pode-se inferir que caso as relações sociais seja deficitárias e insatisfatórias o adolescente será prejudicado no desenvolvimento de sua autoestima e identidade. O que nos leva a pensar sobre os efeitos promovidos pela prática do Bullying.

2.2 O BULLYING

O fenômeno do Bullying analisado neste estudo surge dentro de uma conjuntura de socialização secundária, isto é, na escola. Compreendido como uma subcategoria de agressão ou comportamento agressivo, onde as relações de hostilidade e desprezo são expressas de forma repetida e intencional, desmedida e sem motivos aparentes aos colegas considerados mais fracos ou vulneráveis, que em algum aspecto fogem da linha de normalidade socialmente estabelecida, afetando intensamente a autoestima, promovendo sentimentos de desvalorização e culpa na vítima e acarretando, conseqüentemente, problemas psicológicos no desenvolvimento da personalidade na fase da adolescência.

O Bullying escolar é uma forma de agressão velada dentro da instituição educacional, que acarreta danos, frequentemente irreversíveis, na vida global dos envolvidos, de modo a destruir lhes a saúde, psicológica e física. Além de conseqüências como rebaixamento da autoestima, depressão e marginalização, pode estimular desejos (e atitudes) de suicídio e assassinato (LEMOS p.1. 2007).

Entende-se que a convivência social e a construção do Eu funcionam como um espelho: a reação do outro em relação ao sujeito vai apresentar a este como uma ideia de si mesmo, ainda que não seja de toda uma verdade. A influência do olhar hostil e dos desafetos expressos nas interações repercute na autoimagem, inculcando na subjetividade do adolescente um sentimento de desvalorização, culpa, baixa estima e desprezo por si. Esta ideia é reforçada por LEMOS (2007) ao afirmar que "(...) a linguagem, o gesto e os afetos agem como significados ou significantes com os quais o sujeito pode dizer como se sente no mundo. (...)". Dessa forma, é comum que as vítimas se isolem socialmente, sintam-se inseguras, envergonhadas, frágeis e amedrontadas.

O Bullying pode acontecer de forma direta, por meio de agressões físicas e verbais, e de modo indireto, com ações de discriminação e indiferença por parte dos colegas, situações que levam ao isolamento e exclusão social. (CAMPOS E JORGE, 2010). Aliado a isso está a prática do cyberbullying, promovendo uma discriminação virtual onde as agressões psicológicas são mais frequentes, intensas e propagam-se rapidamente, agravando a sensação de impotência por parte da vítima. É um problema mais grave do que se pensa, pois além do desconhecimento está a falta de atenção e críticas ao comportamento por parte dos adultos, em especial os pais, aliado à negligência escolar. Por isso, a maior parte dos abusos ocorre de forma velada, sendo difícil sua detecção quando não há agressões diretas, tais como humilhações e coações.

(...) a maioria das práticas de humilhação e desrespeito, como insulto e difamação, não é divulgada; além de que na maior parte das vezes, sua prova é de difícil verificação. Acrescente-se, nessa perspectiva, a vontade da vítima de esconder seu sofrimento em face da vergonha e a omissão de grande parte das pessoas que assistem ao ato de desrespeito. Em que pese a pouca divulgação, os casos dessa natureza se repetem diversas vezes no cotidiano escolar, sendo o Bullying uma das suas expressões (...). (CAMPOS E JORGE, p.108, 2010).

Constituem-se como agentes da dinâmica: o espectador, o agressor e a vítima. O primeiro é passivo, não interfere nas situações de violência presenciadas, seja por medo de sofrer também, ao saber que o agressor permanece impune, ou por prazer em assistir ao padecimento da vítima. Em muitos casos, para ser aceito dentro de um grupo popular e almejado, o espectador cala-se, justifica e até

incentiva as atitudes do agressor, legitimando o poder deste último ao afirmar que não houve intenção ou que se trata de um exagero da vítima. (SILVA, 2010, p.45-51)

Os agressores usam de violência e coação para legitimar seu poder dentro do grupo, tornando o Bullying uma questão de prova de dominação social. São em geral impulsivos populares e desagradáveis, e não possuem limites e nem senso de respeito à ordem social. (LEMOS, 2007, p.72) Por outro lado, no entanto, são inseguros e buscam reconhecimento e aprovação dos outros, além de se mostrarem intolerantes àqueles considerados distintos em algum aspecto da linha de normalidade socialmente estabelecida, tanto no aspecto físico quanto comportamental. Podem prover de famílias pouco estruturadas, com carência de afeto, cuidado, supervisão e disciplina entre seus membros, e podem viver em ambientes que estimulam o comportamento explosivo para a solução dos problemas. LOPES NETO (2005, p. 167). Em suma, eles sentem prazer na dominação, e, percebem suas agressividades como qualidade, o que acaba sendo firmado pelas atitudes passivas dos pares ou, como LAMARCA (2013) descreve abaixo, seu comportamento é reforçado pelo resto do grupo:

Na perspectiva do autor do bullying, essa postura é interpretada como uma qualidade, reforçando o seu ego e colocando-o em um círculo vicioso de auto- aprovação de sua conduta, o que culmina em um estado de satisfação ao dominar, controlar e causar danos e sofrimentos a outras pessoas. Desse modo é possível destacar que o autor do bullying pode perceber seu comportamento como algo “benéfico”, por ser recompensado de diversas formas, no intuito de que cesse o seu comportamento inadequado. (LAMARCA, p.09, 2013)

Sendo assim, o autor reforça a ideia de que as vítimas tendem a ser frágeis inseguras e vulneráveis. Essas detêm algum traço físico ou comportamental que foge ao modelo imposto cultural e socialmente, saindo, assim, da linha de normalidade estabelecida. (SANTOS, apud ABRÁPIA, 2009; FANTE, 2005, p.45).

Neste mesmo sentido, por conseguinte, essas vítimas possuem muitas dificuldades de reagir, uma vez que ao retraimento, causado pela insegurança, alia-se o sentimento de culpa promovido pela crença da responsabilidade mediante o comportamento do agressor e vergonha ao assumir que sofreu agressões e humilhações. É comum que elas sejam solitárias ou tenham alguma dificuldade de

relacionamento interpessoal, fato este que acaba por legitimar o sucesso do agressor. Em consequência, a vítima dificilmente se pronuncia para pedir ajuda aos pais ou à escola por medo de maiores retaliações ou perseguições, principalmente quando sofrem assédio moral, provocado pelo bullying indireto, isto é, o fenômeno dificulta as respostas às relações sociais e, conseqüentemente, as demandas futuras em todo o ciclo vital, incutindo marcas na vida do sujeito. (FANTE, 2005 apud, SILVA, 2006 p.3).

Contribuindo com esse pensamento, Lamarca (2013) evidencia o comportamento da vítima:

Em geral, não dispõe de recursos, status ou habilidade para reagir ou cessar o bullying. Geralmente é pouco sociável, inseguro e desesperançado quando à possibilidade de adequação ao grupo. Sua baixa autoestima é agravada por críticas dos adultos sobre a sua vida ou comportamento, dificultando a possibilidade de ajuda. Tem poucos amigos, é passivo, retraído, infeliz e sofre com a vergonha, medo, depressão e ansiedade. Sua autoestima pode estar tão comprometida que acredita ser merecedor dos maus-tratos sofridos. (LAMARCA, 2013, p.10 *apud* Lopes & Neto, 2005 p.165)

Entretanto, há uma segunda categoria de vítima: aquela que reage e torna-se vítima/agressor. Exauridas dos abusos, elas podem reagir com hostilidade tanto em relação ao agressor primário, quanto às outras vítimas, ou seja, podem tornar-se também um agente provocador do bullying, buscando humilhar os pares para ocultar seus receios e inseguranças. São indivíduos que possuem baixa autoestima, sofreram maus tratos com regularidade e podem, em consequência disso, externalizar inúmeros problemas de comportamento, sendo também impulsivos e reacionários. Diferem-se do agressor inicial por sofrerem um alto grau de rejeição por parte do grupo. BANDEIRA E HURTZ (2007) explicam que:

Este grupo apresenta o risco mais elevado para apresentar severas ideias suicidas. "Apresentam risco aumentado para vários tipos de comportamento de risco, violência e comportamento antissocial, quando comparadas a crianças que não estão envolvidas em bullying." BANDEIRA E HURTZ (2010, p.3 *apud* LIANG E COLS, 2007).

Dando continuidade a discussão sobre a vítima, um ponto a ser exposto é a autoestima. Essa é um indicador da saúde psicológica na adolescência e relaciona-se diretamente com a aprovação social. Ela é uma avaliação que o sujeito faz

constantemente de si mesmo. Porém, como exposto anteriormente na introdução deste trabalho, a forma como o indivíduo se percebe funciona como em um espelho, refletindo em si aquilo que o meio externo projeta nele. Assim, todos os sentimentos de aprovação ou repulsa por si mesmo sofrem o peso da visão do outro. Desse modo, podemos inferir que os adolescentes que sofrem Bullying têm como primeira consequência o prejuízo de sua autoestima. As crenças sobre si vão tornando-se mais distorcidas, fazendo com que a vítima seja invadida por um medo descomunal, ansiedade e muita insegurança. (LOPES NETO, 2005, p.167)

Por sofrer constantes abusos dentro da escola, o sujeito passa a temer tal ambiente, afetando diretamente o rendimento escolar e a socialização, desenvolvendo, em algumas situações, transtorno de Ansiedade Social. De acordo com o DSM-V (p. 234, 2014): (...) “o indivíduo é temeroso, ansioso ou se esquia de interações e situações sociais que envolvem a possibilidade de ser avaliado” (...). Isso sem falar nos sintomas psicossomáticos, que vão desde náuseas, dores de cabeça e dificuldades de concentração, até desmaios, calafrios e tonturas.

Segundo Silva (2010, p.25) em sua obra *Bullying - Mentres Perigosas na Escola*, a prática do bullying pode gerar consequências psíquicas muito fortes, principalmente no que se refere aos Transtornos de Ansiedade, tais como: Transtorno Obsessivo Compulsivo, como forma de canalizar toda a ansiedade que provoca pensamentos ruins e destrutivos; Transtorno de Ansiedade Generalizada; Transtorno de Estresse Pós Traumático, causado pelo trauma da violência; Transtorno de Ansiedade Social; e Síndrome do Pânico, provocado pelo medo constante de sofrer a violência novamente; além dos Transtornos de imagem, como Anorexia e Bulimia, como consequência do prejuízo a autoimagem. Dentre a relação de problemas causados pelo bullying, o mais grave é o quadro Depressivo, que pode levar à consequência mais desastrosa: a vítima aqui entra em um estado de completo desespero e perda de sentido, não sabe a quem recorrer, pois percebe que o seu algoz é poderoso e influenciador dentro do grupo, enquanto os professores e funcionários da escola não percebem ou fazem “vista grossa”, mantendo a impunidade. Desse modo, em uma tentativa última de aliviar o sofrimento, buscando fugir dele e sem perspectivas ou recursos de enfrentamento, ela tira a própria vida recorrendo ao Suicídio.

2.3 SUICÍDIO

O suicídio vem se tornando uma das maiores causas de mortes do mundo. De acordo com os dados da OMS (2014), mundialmente, a cada 40 segundos uma pessoa comete suicídio e, a cada 3 segundos, uma pessoa atenta contra a própria vida. Para 2020, a previsão é de aumento, saltando para 1,5 milhões de mortes ao ano. O Brasil é o quarto país latino-americano com maior crescimento nos casos de suicídios entre 2000 e 2012, segundo o relatório divulgado pela OMS em 2014. Entre 2000 e 2012, houve um aumento de 10,4% no número de mortes – alta de 17,8% entre mulheres e 8,2% entre os homens. Com isso, o país tornou-se o 8º país em número absoluto de suicídios (11.821 em 2012). A faixa etária mais atingida oscila entre 15 e 29 anos. (WHO, 2014 - Preventing suicide: A global imperative). Em sua definição, o suicídio consiste em um "[...] ato intencional de causar dano a si mesmo, sendo o objetivo final dar cabo a própria vida, englobando ideias e desejos suicidas, condutas suicidas sem resultado de morte e os suicídios consumados [...]" (SHOLÖSSER, ROSA, MORE p. 133, 2014).

De acordo com a Fenomenologia e a Logoterapia, esta última sendo uma abordagem psicológica centrada no sentido da vida, o suicídio surge quando a pessoa está cega e, sem condições de vislumbrar alternativas de saída e alívio, o foco é somente a dor, e nada além de deixar de existir pode modificar isso. Também estão presentes o peso da existência e a angústia pela liberdade em ter que constantemente escolher.

A falta de habilidade para lidar com a dor e o sofrimento parece colocar as pessoas diante de uma possibilidade quase inevitável de querer resolver seus problemas, eliminando-os consigo mesmas: resolver os problemas com a própria morte (ROCHA, BORIS e MOREIRA, p.70, 2012).

Na Logoterapia, Viktor Frankl vai aprofundar a questão do sentido da vida e vazio existencial. Chega à conclusão de que a motivação e o impulso para viver têm origem na vontade de sentido. É aquilo que faz o homem agir no mundo, a mola propulsora de sua existência, ou seja, é inerente e ontológico ao ser humano o desejo por aquilo que lhe atribua algum valor. Nesse contexto, o suicídio é inserido como perda de sentido. Ele ressalta a importância da relação dialogal saudável com o outro, para fomentar a vida psíquica das pessoas, sob a premissa de que, se a relação com o outro é mal sucedida e permeada por mal estar, influenciará na perda de sentido e vazio, visto que somos primariamente seres sociáveis.

Heidegger, filósofo alemão da corrente existencialista-fenomenológica, em sua concepção de Homem chama-o de *Dasein*, ou seja, o ser aí, que habita em coexistência com o mundo, em uma relação mútua capaz de reconhecer e escolher diante das possibilidades aquilo que lhe promova um sentido individual, que lhe formará e modificará sua existência, tornando-o, portanto, o ser autêntico, aceitando que é dotado de uma liberdade ontológica inserida no constante movimento de discernimento.

Em outras palavras, as condições do mundo agem sobre o ser humano antes mesmo de este ter uma consciência sobre quem é ou virá a ser, visto que nasce inserido em uma determinada sociedade, com características físicas específicas, e em uma cultura própria, sendo direcionado pelas experiências a uma conduta convencionalmente esperada.

Contudo, o modo como é ou como será construído pelo ambiente não é o mesmo do que ele é em si ou, ainda, do seu *dever*. Há uma distinção entre as características que o ser humano herdará de todo o ambiente ao seu redor e aquilo que possuirá de singular dentro si. A este “algo” singular de cada homem, Heidegger dá o nome de “ser” do homem. Assim, quando o homem aceita sua condição de liberdade, diante das possibilidades abertas no meio em que está inserido, consegue deparar-se com as escolhas e optar por aquilo que lhe traga maior sentido. Ele vai transformando-se através de suas alternativas, que vão definindo seu mundo, fazendo-o viver da melhor maneira possível. Desse modo, o Homem encontra o equilíbrio entre os estímulos e regras inseridas pela cultura em todos os espaços de

socialização (família, trabalho, amizades) e aquilo que de fato faz maior sentido para si, atingindo, portanto, o estado de Autenticidade. Como afirma COSTA & FORTESKI (2013):

O conceito de autenticidade reflete em aceitar a condição humana como ela é vivida e conseguir confrontar-se com as escolhas e a liberdade de escolher envolve a responsabilidade por fazer seu próprio destino. O sujeito é o que escolhe ser, sua identidade e características são consequências de suas próprias escolhas. A pessoa, conforme busca conhecer-se, compreender-se e descobrir-se na relação com o outro, constrói o seu mundo, dando sentido à sua existência e escolhendo viver da melhor maneira. (COSTA & FORTESKI, 2013, p. 48)

Entretanto, visto que todo ser humano tem uma condição ontológica e inerente a pensar em si no mundo, o processo de busca pelo estado autêntico o faz caminhar para aquilo que seja coerente com sua identidade, firmando-o em um movimento de procura e tentativas constantes de equilíbrio onde, durante esse percurso, corre o risco de perder-se em si mesmo, deixar de reconhecer sua singularidade, perceber-se misturado. Dando-se conta de que está agindo baseado nas coisas que apreende dos outros, ele entra em um estado de indiferenciação. Em outras palavras, o sujeito torna-se aquilo que o mundo diz que ele deve ser e, a partir daí, aliena-se, ficando inautêntico. "[...] Pois, nesse caso, o mundo das possibilidades passa a ser a vivência do "É": nela o sujeito é o que o mundo lhe designa, "É" representa a conformidade das grandes massas. [...]" (COSTA & FORTESKI, 2013, p.45).

Sendo assim, o indivíduo encontra-se em total desamparo, com sentimentos de angústia e mediocridade por não enxergar a capacidade de escolher por conta própria. Tal situação provoca desespero no sujeito que permanece emergindo em um estado de muita aflição diante das possibilidades apresentadas na vida, sem chances para exprimir sua autonomia, retirando os sentidos existenciais. A única certeza seria a da morte, aceita como um curso natural da vida, a limitação para as escolhas que esse homem não consegue mais fazer, e um possível retorno para o estado autônomo, visto que essa decisão não seria tomada pelo outro. Em outras palavras, a morte aparece como um fim último, a única saída para o estado inautêntico. Portanto:

O ato de suicidar-se está envolvido por desespero, perante uma força incapaz de conceber razão e significado para a vida. Em meio a esse desespero e sofrimento, o suicídio justifica-se na destrutibilidade presente no que se consolida um ato extremo de desespero. Na medida em que se manifesta como um modo de ser da consciência, o suicídio é a apreensão de algo que é "eu mesmo". (COSTA & FORTESKI, 2013, p.50)

Utilizando ainda uma visão interdisciplinar, podemos citar as contribuições de Emile Durkheim, sociólogo considerado um dos principais expoentes das ciências sociais, para esta temática. Durkheim postula ser o suicídio o resultado de respostas internas e subjetivas aos fatores sociais coercitivos e externos, sendo aquele uma resultante. Portanto, não podendo ser tratado como um aspecto meramente individual. Identificou, em um apurado estudo estatístico, que mesmo aquelas tentativas ou ações suicidas não relacionadas diretamente com o social estavam vinculadas ao grau de ligação do homem com a sociedade, como afirma Corrêa (2007):

A causa encontrada por ele foi o grau de coesão social, pois a maioria dos suicídios coincidia em um ponto: constava o excesso ou uma falta de integração do suicida na sociedade ou o suicídio era ligado a uma crise social geral, ou seja, uma falta de regras que vinculem os membros da sociedade. Sendo assim, a causa dos suicídios estava na própria sociedade (CORREA, p.13, 2007).

Durkheim (1977) afirma ainda que o suicídio está presente em todas as sociedades e culturas, ultrapassando os limites de tempo, como parte da civilização, como se houvesse uma "aptidão definida para o suicídio" (DURKHEIM, 1977, p.16). Assim, "cada sociedade está disposta a fornecer um determinado contingente de mortos voluntários" (DURKHEIM, 1977, p.21), por isso a necessidade de explicar o suicídio como fato social. O autor ainda divide os indivíduos com essa tendência em três tipos distintos de suicidas. Porém, sendo o enfoque desta explanação falar sobre a violência social relacionada ao Bullying, dentre esses destacamos o tipo Egoísta, onde o sujeito percebe-se sem vínculos, isolado socialmente e por isso marginalizado sem integração. (CORREA, p.8, 2007)

Diante do exposto, é pertinente trazer ainda a visão de Zigmunt Bauman (2001), sociólogo e filósofo polonês, que substituiu o termo pós-modernidade por modernidade líquida, onde descreve a sociedade atual e as relações interpessoais

como voláteis, assim o homem se vê sem apoio nas tradições sociais ou seguro em uma comunidade. Esse fato contribuiria para ampliar a sensação de insegurança. Além disso, Bauman reforça que a individualidade é construída, na modernidade, pelo incentivo ao consumo, a primazia do prazer em adquirir e descartar, moldando e trocando as identidades na mesma velocidade em que ocorre a troca de tecnologias. Portanto o sujeito está misturado na sociedade, inserido em relações vazias e voláteis e inseguras, facilitando a perda de sentido.

Retornando agora para o processo específico de suicídio, é importante perceber que o caminho para suicídio inicia-se como algo sutil, onde primeiramente ocorre o enfraquecimento ou afastamento de um ou mais fatores de proteção, tais como a OMS (2000, p.8) expõe: relações estruturadas e saudáveis com familiares, uma boa rede de conexões sociais, uma profissão que proporcione realização, e momentos de lazer. Portanto, dentro dos contextos teóricos apresentados, qualquer aspecto de vida que viabilize algum sentido.

Essa instabilidade causada pelo declínio desses fatores move o emocional, servindo de gatilho para o pensamento de que a solução de todos os conflitos e principalmente a forma de parar a dor, por meio dos mecanismos de fuga, estaria desaparecendo. À medida que esse pensamento é alimentado, evolui para a fantasia suicida e, então, quando a linha de reflexão passa por um encadeamento de condutas, sujeito consegue formar um plano de ação e se estabelece o ideário suicida. Depois desse ponto, consuma-se o ato. Durante o processo, o idealizador pode expressar de forma sutil seus anseios por meio de autoagressões, tais como mutilações e cortes, e falas que corroboram para a depreciação da vida, além de prolongados momentos de solidão (CASSORLA, 2004). Por isso, estar atento aos sinais pode facilitar a detecção da problemática e a compreensão da angústia do sujeito. Consequentemente,

As fantasias suicidas costumam aparecer quando ocorre sofrimento sentido como terrível, não apenas emocional, mas também físico. É diante de um sofrimento intenso que a ideia de morte começa a ser considerada mais interessante do que a própria vida. (CASSORLA, apud. 2004. ROCHA, BORIS & MOREIRA, p.70, 2012).

O pensamento suicida ainda é composto por três características, conforme publicado pelo OMS (2000, p.12) em seu Manual Para Profissionais de Atenção Primária: Ambivalência, onde o desejo de viver e morrer se alternam, e a vontade de permanecer neste mundo é acompanhada pela urgência de sair da situação dolorosa; Impulsividade para efetivar o ato, que é transitória e dura alguns minutos; Pensamento drástico e rígido.

Ainda, de acordo com este documento, a maioria dos suicidas passou por algum evento estressor pelo período de pelo menos três meses, entre os quais se destacam, neste estudo, a rejeição e os problemas interpessoais, onde o Bullying se enquadra tendo seu início e meio de desenvolvimento no ambiente escolar e atingindo especialmente os adolescentes. Assim, torna-se fundamental pensar em ações de intervenções que abarquem o meio onde o adolescente está inserido, em especial dentro do espaço onde os fenômenos ocorrem, ressaltando o meio escolar atuando em conjunto com a família.

3. PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS

O presente estudo é uma pesquisa qualitativa de cunho teórico, onde será identificada a produção bibliográfica acerca da temática proposta, visto que possui por objetivo principal discorrer sobre (o gatilho) Bullying no fenômeno do Suicídio em adolescentes. Sendo assim, realizar-se-á um levantamento bibliográfico sobre o tema investigado, partindo, em princípio, dos principais estudos efetivados, e, posteriormente, a realização de uma análise dos resultados encontrados. Nesse sentido, foram consultadas as bases de pesquisa Scielo e Pepsic e coletados artigos, sendo ao todo 23 (vinte e três), utilizando as palavras chave “Suicídio”, “Bullying”, “Banalização da vida” e “Adolescência”. Outro recurso utilizado foram os relatórios da Organização Mundial da Saúde (OMS) sobre o suicídio, divulgado em 2000 e 2014 por apresentarem estudos mais recentes acerca do tema proposto. Diante disso, como critérios de exclusão, à exceção desse último material específico, foram excluídos artigos que fugissem ao tema e que ultrapassassem o ano 2000, em

vista da necessidade de recorrer ao Manual de Apoio aos Profissionais da Saúde Primária, divulgado pela OMS, para manter a argumentação convergente, tendo como pressuposto períodos afins de produções acadêmicas, a fim de manter coerência estética, ética e filosófica de arguição. Utilizaram-se também as produções internacionais, no que se refere aos relatórios oficiais e teorias de embasamento, tais como a teoria walloniana, a base fenomenológica existencial de Heidegger, e a teoria de Durkheim. O caminho metodológico desse estudo partiu, primeiramente, de uma análise descritiva do processo do Bullying e do Suicídio, considerando a etapa do desenvolvimento humano da Adolescência. Definidos e explicados os três aspectos, estabelecemos convergências conceituais entre o Suicídio e o Bullying e a Adolescência, mostrando suas possíveis relações e, por fim, o papel da instituição escolar diante da complexidade dos fenômenos supracitados.

4. RESULTADOS E DISCUSSÃO

O estudo do Bullying começou em 1980, na Suécia, quando três meninos na faixa-etária de 10 a 14 anos suicidaram-se. Ou seja, o processo de violência aparece amplamente ligado ao suicídio. Até então, a prática, que sempre existiu, passava despercebida de forma naturalizada no ambiente escolar, visto pela equipe pedagógica, especialmente por professores, como brincadeiras inofensivas, fazendo parte da adolescência. Portanto, compreendiam que as reações das vítimas, tidas como dramáticas e exageradas, faziam parte do desenvolvimento da identidade e costumavam ser relacionadas aos turbilhões hormonais.

Segundo pesquisas, o índice de suicídio está relacionado, nesta fase da vida, de forma intrínseca, a prática do Bullying. Consequentemente, com a chegada do cyberbullying, oriundo dos avanços tecnológicos, o abuso dificultou o controle e propagou de forma muito veloz as difamações e humilhações, agravando ainda mais o problema. Além disso, o Bullying pode ser direto, quando as vítimas são atacadas física ou verbalmente, ou indireto, por ações que levam exclusivamente ao isolamento social, como a difamação, indiferença e exclusão. Para os adultos, a

identificação é difícil tanto pelo sentido de ser considerado algo comum da fase da adolescência, visto como características oriundas de conflitos, quanto pela falta de denúncia das vítimas. Desse modo, a vítima vai perdendo o sentido de existir e, como forma de alívio a um tormento que passa despercebido e permanece impune, chega ao ponto de finalizar sua vida.

O Bullying destaca-se entre um dos principais fatores de risco para o ideário suicida. Como ocorre na adolescência, período conturbado do desenvolvimento, onde a autoestima, o pensamento abstrato e a visão de si mesmo estão em processo de construção, a aceitação pelos grupos de pares é extremamente importante. (Ver item 2.1). Quando, ao contrário, acontece a exclusão, preconceitos pelas diferenças corporais ou comportamentais e consequentemente isolamento social seguidos de violência direta ou indireta, tanto por meio de agressões verbais ou cyberbullying, aspectos emocionais tais como solidão, tristeza profunda e angústia se fazem presentes de forma muito frequente.

Esse aspecto pode ser fundamento estabelecendo um eixo relacional da teoria Fenomenológica Existencial de Heidegger e o discurso de Bauman (Ver item 2.3): temos o contexto de inserção do jovem em uma sociedade instável, tecnológica e dinâmica, construída em relações voláteis, líquidas. O cenário é diferente do construído em outrora. A globalização, a financeirização do mercado global e do espaço construiu um ambiente que incentiva o consumo como satisfação e resposta para o prazer humano. As relações sociais saudáveis são pulverizadas na mesma medida em que as tecnologias são substituídas, em outras palavras, essa última – a tecnologia- assumiu o centro das relações e tornou-se mais importante do que a própria pessoa humana, temos assim um quadro de banalização da vida. O adolescente dentro desse quadro vai entrar em um estado de inautenticidade, ao buscar ontologicamente falando, aquilo que faça sentido para si e sedimente o seu Self. Entretanto, durante esse percurso, encontrará um meio de desenvolvimento propício para os sentimentos de insegurança, solidão e vazio e estará misturado com a sociedade, sem identificar e separar aquilo que é singular e os aspectos que foram inseridos pelo outro, ficando, portanto, com a sua identidade comprometida.

Dentro do contexto do Bullying e da situação apresentada, adolescente na posição de vítima percebe-se encurralado, com medo e coagido para denunciar os

abusos, pois além da violência acontecer por relações desiguais de poder, o jovem estará em um estado tão inautêntico e sem sentido de vida, com sua identidade comprometida que não terá coragem para contar aos pais ou a escola, além de saber que não terá o apoio dos colegas, sendo assim, vai todos os dias para a escola ciente da violência que o aguarda. (Ver item 2.2). Isso resulta em sentimentos muito próximos de Depressão, Síndrome do Pânico e Estresse Pós-Traumático, como mencionado anteriormente (ver item 2.2). De acordo com Silva (p.25, 2010), o maior desejo é sair daquela situação e encontrar amparo. Todavia, em estágios como esse a pessoa não consegue enxergar nem entrar em contato com os fatores de proteção que poderiam servir como saída para a situação conflitante. (Ver item 2.3)

Ainda de acordo com a teoria de Durkheim (Ver item 2.3), o Suicídio é entendido como produto de resposta interna a coerção do fator social, completamente vinculado à coesão da sociedade. O fenômeno do Bullying ocorre em um espaço interpessoal, e de relação social onde o sujeito vai conviver com a diversidade podendo deparar-se com o que era até então alheio a ele, sem mencionar o fato de ser uma forma de legitimar o poder do abusador em meio ao grupo. (Ver item 2.2)

Portanto, Suicídio e o Bullying estão interligados, uma vez que um acontece como fim último do outro, principalmente quando a vítima, não conseguindo mais suportar a coação dos agressores, entra em um quadro de total desespero na busca por aliviar seu sofrimento.

Assim, no desespero que surge desse contexto psicossocial, a morte se apresenta não como um fim em si mesmo, pois como muitos já colocaram o suicida não deseja morrer, mesmo porque a morte lhe é desconhecida, já que o que dela se conhece são manifestações que habitam o nosso imaginário de formas diversas. A morte surge como saída do sofrimento. A morte é a alternativa para calar a dor [...] (DUTRA, p.101, 2000).

Retomando os dados da OMS (2014) (ver item 2.3), em um âmbito global, o suicídio é uma das cinco maiores causas de morte, e as faixas etárias atingidas encontram-se dos 15 aos 29 anos. Visto que, neste período da vida, a maior parte da população atingida está em atividade escolar, este parece ser o melhor local para

a prevenção e conscientização do problema, além de ser o ambiente que propicia o Bullying, considerado nesse estudo como um dos principais gatilhos.

Partindo das considerações apresentadas vislumbramos a atuação da escola e o papel dos profissionais de educação identificação dos quadros de risco que levam ao bullying e as potenciais vítimas. A instituição educacional, além do trabalho cognitivo, está diretamente responsável pelas demandas emocionais em seu âmbito tendo como principais atribuições identificar as dificuldades dos alunos dentro do sistema e desenvolver atividades que promovam a melhoria do aprendizado, onde, entre outras coisas, encaixam-se as relações interpessoais. Antes de qualquer coisa, o trabalho do corpo pedagógico começa com um mapeamento da instituição e a análise da dinâmica relacional entre seus componentes, conhecendo a realidade da escola (Freire, p.58,2012) para avaliar a melhor maneira de intervir. O trabalho precisa estar pautado em uma escuta ativa, na criação de um espaço acolhedor para que o adolescente sintam-se compreendido e amparado, além de focar na ressignificação das relações interpessoais e acontecimentos dentro dos grupos existentes, com momentos de dinâmicas coletivas e atividades que coloquem o agressor na posição de vítima e vice-versa. Ou seja, estratégias que promovam melhoria na comunicação, onde possam ser identificados e apurados os conflitos. Isso pode ser salientado na afirmação de Silva Teixeira (2007, p.12) em seu relato de prática com os adolescentes sobre o tema do suicídio e bullying:

A ação dramática mostrou-se extremamente útil, possibilitando, em sentido dramático, a apreensão dos aspectos vinculados à prevenção, adolescência e escola e favorecendo a discussão na dimensão pessoal e, principalmente, na dimensão do papel profissional.

É fundamental também criar formas de capacitação e conscientização de toda a equipe de funcionários do espaço, a fim de que todos – dos serviços gerais à direção escolar – saibam identificar os fatores e situações de risco. Como afirma Freire (2012, p.58 *apud* Marinho-Araujo e Almeida, 2008):

Devem-se criar espaços de escuta psicológica, a fim de ressignificar as relações interpessoais na escola, conscientizar e transformar práticas existentes que estejam impedindo a consolidação de um ambiente saudável e propício ao aprendizado e ao desenvolvimento dessas relações. Asso-

ciado a isso, o psicólogo escolar/educacional deve assessorar o trabalho coletivo da escola, instrumentalizando a equipe através de estudos e capacitações, contribuindo na formação dos professores e colocando-os também como coparticipantes nesse trabalho.

Assim, o profissional educacional será um mediador na dinâmica escolar. É importante ressaltar que ele não obrigue os adolescentes a falarem diretamente sobre o tema. Sendo assim, torna-se imprescindível o estabelecimento do vínculo de confiança e a criação das referidas estratégias que gerem oportunidades de trabalhar o assunto. Não podemos esquecer que a instrução precisa ser transmitida para a família, pois, estando os pais ou responsáveis orientados, torna-se mais fácil tanto a identificação das situações de risco quanto o combate da demanda e a busca por tratamento. No entanto, mediante as atribuições dos profissionais e sua prática, o propósito não é realizar intervenções profiláticas, mas de caráter preventivo por meio de estratégias que possam conduzir sempre que achar necessário para exercer os devidos encaminhamentos. (ver item 2.3). Logo, o trabalho deve ser realizado com a equipe de profissionais da escola e conjunto com a família. Como reforça Teixeira (2007, p.34):

Programas anti-bullying podem ser criados nas escolas com o objetivo de oferecer orientação aos pais, professores e alunos, ajudando no desenvolvimento de estratégias para lidar com o problema e promovendo a criação de medidas de controle do comportamento. As ações anti-bullying visam tornar o ambiente escolar um local saudável, seguro e acolhedor para crianças e adolescentes, favorecendo a promoção da aprendizagem e podendo realizar, desta forma, um importante trabalho preventivo psicopatológico na infância e adolescência.

Portanto, ações de aprendizado que promovam a habilidade de reconhecer possíveis vítimas, especialmente as de ideário suicida, tornam-se imprescindíveis para prevenir qualquer tipo de tentativa, cabendo ao corpo pedagógico, em seu espaço de ação, desenvolver projetos que realizem não apenas as funções de identificação do fenômeno do Bullying, mas o acolhimento e a compreensão para todos os participantes do convívio diário dos adolescentes.

5. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Ao término da reflexão aqui proposta, o presente estudo apontou, por meio de uma análise descritiva, o funcionamento e a dinâmica do suicídio e seu ideário, expondo como o Bullying consegue ser uma de suas principais causas, além de apontar como o profissional de educação pode, em meio as suas atribuições específicas, ser de fundamental importância no processo preventivo por meio de seu olhar cuidadoso e especializado. Podemos observar, através dos índices de suicídio trazidos pela OMS, que a maior faixa etária atingida está nos jovens em plena atividade escolar, que passam por um processo de formação de identidade, onde a autoimagem e aceitação dos pares constituem-se como fatores fundamentais para um desenvolvimento saudável. Nesse sentido, o Bullying insere-se como um movimento contrário, isolando, perseguindo e violentando aqueles que não se enquadram nos padrões de normalização socialmente definidos, simplesmente por suas particularidades e singularidades.

Julgamos oportuno afirmar que a perda de sentido torna-se eminente em uma cultura de desvalorização da vida, estruturada em relações efêmeras que priorizam as aparências, abrindo espaço para pensamentos e comportamentos que levem a condutas suicidas. Assim, é de fundamental relevância para o campo da Psicologia e da educação, como um todo, aprofundar-se nesta temática onde o profissional escolar está inserido, estando disponível e preparado para trabalhar com a comunidade educacional (alunos, pais, professores, diretores, etc.) a fim de conscientizar através das ações de educação e prevenção aos fenômenos do bullying e do suicídio, além de dar todo o suporte possível às vítimas e familiares, dentro de suas atribuições e limitações no contexto educacional. Em virtude de todos os aspectos mencionados, buscou-se sensibilizar e chamar atenção para um tema até então difícil de ser trabalhado e, por diversas vezes, negligenciado, sendo, portanto, necessário o desenvolvimento e a discussão de novas formas de intervenção possíveis dentro de projetos de pesquisa pedagógicos e psicopedagógicos, bem como um maior investimento na formação acadêmica do profissional de educação, fornecendo as condições para o aperfeiçoamento das habilidades que o manejo eficiente requisita. O Bullying já é algo tão naturalizado que a equipe pedagógica e a comunidade escolar tendem a encobrir os casos, afastando a vítima e a culpabilizando junto com o agressor devido à falta de manejo,

e recorrem aos pais dos envolvidos por não estarem capacitados para atuar de forma mais eficiente, esperando deles apenas ações punitivas e usando medidas paliativas como medidas regimentais de suspensões temporárias. No entanto, diante das consequências nefastas do Bullying, que culminam em mutilações e suicídio, dos diversos tipos de adoecimento mental, além das cicatrizes psíquicas e físicas em futuros adultos, se faz necessária de toda a equipe educacional em qualquer instituição de ensino (pública ou particular). Desse modo, inferimos que sem esses profissionais de educação, devidamente habilitados, a prevenção não existe por falta de orientação e formação por parte do corpo pedagógico e escolar.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS:

ABRAPIA – *Programa de Redução do Comportamento Agressivo entre Estudantes*. Disponível em: www.bullying.com.br/ Acesso em: 17 mai. 2017.

ALMEIDA, Laurinda Ramalho de. *A questão da psicogenética walloniana*. **Estud. Psicol. (Campinas)**, Campinas, v. 31, n. 4, p. 595-604, Dezembro de 2014. Disponível em <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0103-166X2014000400013&lng=pt&nrm=iso>. Acesso em 01 de abril de 2017. <http://dx.doi.org/10.1590/0103-166X2014000300013>.

BANDEIRA, C.; HUTZ, C. As implicações do bullying na autoestima de adolescentes. *Revista Semestral da Associação Brasileira de Psicologia Escolar e Educacional*, São Paulo, v. 14, n. 1, p. 131-138, 2010.

BAUMAN, Zygmunt. *Modernidade Líquida*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2001.

BECKER, D. *O que é adolescência*. São Paulo, SP: Brasiliense, 2003.

Campos, H. R., & Jorge, S. D. C. (2010). Violência na escola; uma reflexão sobre o *bullying* e a prática educativa. *Em Aberto*, 23(83), 107-128. Disponível em <<http://emaberto.inep.gov.br/index.php/emaberto/article/view/2254/2221>> Acesso em 02 de abril de 2017.

CERQUEIRA, Yohanna, LIMA, Patrícia – *Suicídio: a prática do psicólogo e os principais fatores de risco e de proteção*. *Revista IGT na Rede*, v. 12, nº 23, 2015. p. 444 – 458. Disponível em <http://www.igt.psc.br/ojs> ISSN: 1807-2526

COSTA, Maira Maria da, e FORTESKI Rosina. *O constrangimento do ser e a alienação existencial como hipóteses Fenomenológico-Existenciais para o ato de suicidar-se*. *Revista Psicopatologia Fenomenológica Contemporânea*, 2013, 2 (1), 42-56. Acesso em 02 de abril de 2017. Disponível em <http://www.revistapfc.com.br/rPFCwordpress/wp-content/uploads/2017/01/042_ForteskiR_O-constrangimento-do-ser-e-a-alienac%CC%A7a%CC%83o-existencial-ato-de-suicidar.pdf> Acesso em 02 de abril de 2017

COLL, César, MARHCESI, Álvaro e PALACIOS, Jesus. *Desenvolvimento psicológico e educação*. 1. *Psicologia Evolutiva*. Trad. Daisy Vaz Moraes. – 2.ed – Porto Alegre: Artmed, 2004. 3v.

DSM-V (2013). *Manual diagnóstico e estatístico de transtornos mentais*. Porto Alegre: Artmed.

DUTRA, E. *Compreensão de tentativas de suicídio de jovens sob o enfoque da abordagem centrada na pessoa*. *Compreensão de tentativas de suicídio de jovens sob o enfoque da Abordagem Centrada na Pessoa*, 2000. São Paulo.

Fante, C. (2005). *Fenômeno bullying: Como prevenir a violência nas escolas e educar para a paz*. Campinas: Versus.

FRANSCHINI, Rosângela; VIANA, Meire Nunes. *Psicologia Escolar: que fazer é esse?* Conselho Federal de Psicologia. - Brasília: CFP, 2016.215p. ISBN: 978-85-89208-76-5

FREIRE, Alane Novais; AIRES, Januária Silva. A contribuição da psicologia escolar na prevenção e no enfrentamento do Bullying. **Psicol. Esc. Educ.**, Maringá , v. 16, n. 1, p. 55-60, June 2012 . Disponível em <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1413-85572012000100006&lng=en&nrm=iso>. Acesso em 01 Abr. 2017. <http://dx.doi.org/10.1590/S1413-85572012000100006>

FREITAS, Márcia de Fátima Rabelo Lovisi de; DIAS, Jaqueline Pereira. *Teoria Social Cognitiva: conceitos básicos*. Obra resenhada: Bandura, A.; Azzi, R. G. & Polydoro, S.(2008). *Teoria Social Cognitiva: conceitos básicos*. Porto Alegre: Artmed, 176 pp.

KUCZYNSKI, Evelyn. *Ensaio Suicídio na infância e adolescência*. IN: II JORNADA SOBRE SUICÍDIO DO LABORATÓRIO DE ESTUDOS SOBRE MORTE. 2. 2013. Hospital das Clínicas da Faculdade de Medicina da Universidade de São Paulo. Psicologia Usp. 2013. 246-252 p. Vol. 25. Publicado em 2014

LAMARCA, Thaysa Eiras. *A atuação do psicólogo frente ao bullying no contexto escolar*. Centro Universitário São José de Itaperuna, Curso de Psicologia. Itaperuna, São Paulo, 2013.

LEMONS, Anna Carolina Mendonça. *Uma visão psicopedagógica do Bullying Escolar*. **Rev. psicopedag.**, São Paulo , v. 24, n. 73, p. 68-75, 2007 . Disponível em <http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S010384862007000100009&lng=pt&nrm=iso>. Acessos em 01 abr. 2017.

LOPES NETO, A. A. **Bullying, comportamento agressivo entre estudantes**. *Jornal de Pediatria - Vol. 81, Nº5 (Supl), 2005, p. 164-172.* Disponível em:19<<http://www.scielo.br/pdf/jped/v81n5s0/v81n5Sa06.pdf>>. Acesso em: 25 de mai de 2017.

NETO, Carlos, Henrique, Aragão. *O sentido na vida como fator de proteção ao suicídio*. Disponível em < <http://www.abeps.org.br/>> Acesso em 03 de abril de 2017.

ORGANIZAÇÃO MUNDIAL DA SAÚDE. *Manual para Profissionais de Atenção a Saúde Primária*. Transtornos Mentais e Comportamentais. Departamento de Saúde Mental. Organização Mundial da Saúde. Genebra. 2000. 22p.

ORGANIZAÇÃO MUNDIAL DA SAÚDE. *Prevenção ao suicídio: Manual para Professores e Educadores*. Transtornos Mentais e Comportamentais. Departamento de Saúde Mental. Organização Mundial da Saúde. Genebra. 2000. 29p.

ROCHA, Mario A. S. da, BORIS, Georges B. J. B, E MOREIRA, Virgínia. *A Experiência Suicida numa Perspectiva Humanista-Fenomenológica*. Revista da Abordagem Gestáltica – XVIII(1): 69-78, jan-jun, 2012. Disponível em < pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1809-68672012000100010> Acesso em 31 de março de 2017.

SANTOS, Diana Leonhardt dos. Contribuições da psicologia escolar para prevenção e combate ao bullying. **Diaphora**, [S.l.], v. 15, n. 2, p. 44-48, abr. 2017. ISSN 2238-9709. Disponível em: <<http://www.sprgs.org.br/diaphora/ojs/index.php/diaphora/article/view/110>>. Acesso em: 02 Maio. 2017.

SCHLÖSSER, A., ROSA, G. F. C., MORE, C. L. O. O. *Revisão: Comportamento Suicida ao Longo do Ciclo Vital. Trends in Psychology / Temas em Psicologia* – 2014, Vol. 22, nº 133, 1-145. Disponível em < http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1413-389X2014000100011 > Acesso em 03 de abril de 2017

SILVA, Ana B. B. *Bullying - Mentos Perigosas na Escola*. 2ª Edição. 2015. São Paulo. Principium Editorial. 208 p..

SILVA TEIXEIRA, Célia Mria Ferreira. A escola como espaço de prevenção ao suicídio de adolescentes – relato de experiência. **Revista Inter Ação**, [S.l.], v. 27, n. 1, p. 99-114, ago. 2007. ISSN 1981-8416. Disponível em: <<https://www.revistas.ufg.br/interacao/article/view/1509>>. Acesso em: 02 set. 2017. <<https://doi.org/10.5216/ia.v27i1.1509>>

Teixeira, G. H. (2006). Bullying, a violência escolar: Psiquiatra. Recuperado 2 set 2017, disponível <http://www.comportamentoinfantil.com/comportamentos/bullying.htm>

WORLD HEALTH ORGANIZATION. *Preventing suicide: A global imperative*. . Departamento de Saúde Mental. Organização Mundial da Saúde. Genebra. 2014. 92 p.